

Perfil de constituinte é conservador e moderado

A julgar pelos resultados obtidos até agora — a apuração é lenta em grande parte dos Estados —, a Assembleia Nacional Constituinte a ser instalada em 1º de fevereiro será predominantemente conservadora e moderada, "mais do que se supunha nos momentos mais delirantes de terror", conforme definição do cientista político Bolívar Lamounier. Assim, as propostas progressistas para a futura Constituição só terão apoio de uma minoria de deputados e senadores, encontrados tanto no PMDB quanto no PT e no PDT, partidos ideologicamente diversos. No grande vencedor das eleições em todos os Estados, o PMDB, se acham todos os rótulos que os políticos brasileiros têm recebido, desde conservador e liberal até progressista e esquerdista. E é esse

partido que deverá continuar cumprindo o papel de sustentação das mudanças sociais que o País exige, na opinião de seu presidente regional em São Paulo, Almino Afonso. Eleito vice-governador, Almino imagina o PMDB como um partido de "democracia de massa", além da social-democracia, mas sem chegar ao socialismo.

Com essa maioria quase absoluta na Câmara Federal, o PMDB tem tudo para ser um partido único. Isso leva Lamounier a rezear que o partido, por temer dificuldades internas, não resista ao debate na Constituinte. Por outro lado, que elegeu esse partido de ponta a ponta do País para a Câmara foi pequena parte do eleitorado. O voto em branco causou surpresa em toda parte.

A esperança de alguns dirigentes peemedebistas é que a bancada federal do partido não seja conservadora. Apesar de os resultados estarem demonstrando o contrário, o secretário-geral peemedebista de São Paulo, Aloysio Nunes Ferreira, torce para que o PMDB caminhe "um pouco mais para a esquerda, no sentido das mudanças", senão pelo mérito pessoal de seus integrantes, pelo menos por uma questão de sobrevivência. Ele teme que o eleitorado responda negativamente nas próximas eleições. Porém, foi esse mesmo eleitorado que de Norte a Sul do País repudiou a esquerda e elegeu moderados, conservadores, sejam eles peemedebistas ou não.

Dos 33 deputados e senadores constituintes eleitos pelo Rio Grande do Sul, provavelmente apenas quatro, dois deles do PT, deverão apoiar sistematicamente as propostas "progressistas". Dos dois senadores eleitos, esse grupo tende a contar mais com José Fogaça que com José Paulo Bisol. O perfil conservador da bancada gaúcha se mostra nos cinco eleitos pelo PDS e dois pelo PFL, mas também em dois dos quatro petetistas, correligionários do governador fluminense Leonel Brizola. Além disso, dos 17 peemedebistas a maioria é moderada. Apenas parlamentares como Hermes Zanetti ou Jorge Uequed, entre outros poucos, são apontados como prováveis aliados dos petistas Olívio Dutra e Paulo Renato Paim.

Se no Rio Grande do Sul a renovação da bancada foi grande — de 32 eleitos em 82, só 12 se reelegeram —, em Santa Catarina a mudança atingiu 75%. Esses "novos", embora estreantes na maioria, são de tendência conservadora, com exceções como o deputado Francisco Kuster, um dos nove peemedebistas constituintes. Essa tendência contrária ao "progressismo" foi explicada por Kuster: parte da bancada de seu próprio partido foi eleita graças ao apoio de grupos econômicos catarinenses, "responsáveis pela compra de votos".

O abuso do poder econômico não foi privilégio dos políticos de Santa Catarina. O Paraná acabou preferindo eleger os "trens-pagadores" aos autênticos — mesmo no PMDB, considerado no Estado de centro-esquerda —, e ex-malufistas acabaram ganhando o espaço de "históricos". Dos campeões de voto dessas eleições,

apenas Maurício Fruet, ex-prefeito de Curitiba, tinha alguma tradição. Os demais, como o empresário Maurício Nasser e o diretor do Banco Bamerindus, Basílio Villani, nunca haviam enfrentado o povo nas urnas. Boa votação receberam também representantes da União Democrática Ruralista (UDR), como Alarico Abib e Jovanni Masini.

A cúpula do PMDB do Paraná, ao contrário da de São Paulo, não está preocupada com a atuação de sua bancada majoritariamente conservadora, pois o governador eleito Alvaro Dias, considerado progressista, dará o tom aos deputados federais. A ele não interessa fazer um governo progressista ao mesmo tempo que a bancada que o representa no Congresso seja conservadora.

Os analistas parecem mais incomodados com o perfil da Constituinte do que os próprios políticos. Assim como Bolívar Lamounier em São Paulo, a cientista política Lucília de Almeida Neves Delgado — sobrinha de Tancredo Neves — vê não só a descaracterização do PMDB, em Minas Gerais, como também crítica a monopolização da bancada. Lucília, notou que "é mal para a democracia" o fato de os peemedebistas ficarem com cerca de 40 das 54 cadeiras na Câmara. "O ideal seria o PMDB ter maioria, mas não monopolizar". Sua maior reclamação, porém, é contra a eleição de "pessoas que nada têm que ver com as tradições do PMDB mineiro", como Ruy Lage, Roberto Brant e Bias Fortes, "o que há de mais conservador no partido". A cientista política se pergunta o que esses futuros constituintes "representam em termos de luta contra o autoritarismo, defesa do pluralismo, incentivo à participação popular e defesa da democracia".

A situação de representantes de moderados a conservadores repete-se tanto em Alagoas e no Pará, como no Espírito Santos e no Rio de Janeiro. Aqui, com o atraso na divulgação dos boletins oficiais das apurações — única fonte disponível sobre as eleições proporcionais —, a única constatação possível é a de que a esquerda radical e a "direita raivosa" estão amplamente derrotadas. Esta última só terá como representante, possivelmente, o líder pedessista Amaral Neto. O derrotado PDT nas eleições a governador deverá eleger 12 ou 13 deputados, a maioria ligada mais a

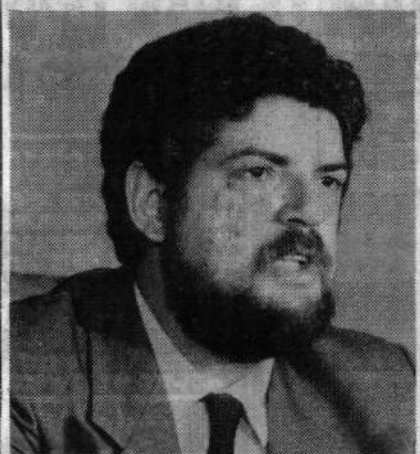
compromissos pessoais do governador Brizola que a uma linha ideológica.

O conservadorismo permanece em Alagoas. De renovação mesmo, para a Câmara Federal, só Eduardo Bonfim (PMDB), ex-líder estudantil e ligado ao PC do B. Ele será minoria na bancada, ao lado do companheiro de partido Renan Calheiros. No Senado, a tendência se contrabalança um pouco mais: o ex-governador Divaldo Suruagy é de centro-direita e Teotônio Vilela Filho define-se como liberal.

Também de candidatos declaradamente de direita ou de centro-direita é composta a bancada federal de Goiás, de 17 deputados federais e dois senadores. Podem ser considerados de esquerda apenas dois constituintes, o senador Iram Saraiva e o deputado Aldo Arantes. Isso porque Nion Albernaz, ex-prefeito de Goiânia, se diz de centro-esquerda — e não gosta de rótulos.

Em sua primeira eleição para a Câmara e para o Senado, Brasília escolheu para a Constituinte uma bancada identificada com as causas populares. Pelo menos é o que os eleitos, de direita ou de esquerda, dizem defender. Notórios "progressistas", desses eleitos, são Maurício Correa, do PDT, que não aceita a tutela do brizolismo, e Pompeu de Souza, do PMDB, crítico incansável dos governos autoritários. Ao lado desses dois senadores, os brasilienses elegeram o conservador Jofran Frejat (PFL) e o centro-direitista Francisco Carneiro (PMDB), ligado ao empresariado nacional — ambos para a Câmara.

Dos eleitos para a Constituinte em todo o País, poucos, como Mário Covas, em São Paulo, atraíram a atenção da maioria do eleitorado. A torrente de votos brancos e nulos assustou a todos, mas não trouxe unanimidade de opiniões. Uns atribuem ao voto "complicado", principalmente para os analfabetos e os semi-alfabetizados; outros preferem culpar as eleições simultâneas para cargos majoritários e proporcionais. Outros ainda, como o professor Eduardo Viola, da Universidade Federal de Santa Catarina, doutor em Ciência Política, os votos em branco são a resposta dos eleitores desapontados com o comportamento dos parlamentares nos últimos dois anos.



Jovenci C. de Freitas — 15/04/85
Antônio Britto

Antônio Britto: Justiça forte

Ele já tinha antecedentes de ascensão fulminante, e, por isso, ter sido super votado nesta eleição não surpreendeu a tantos. Antônio Britto Filho (PMDB), partindo do cargo de repórter esportivo, setorista do Grêmio, no extinto *Jornal da Semana*, de Porto Alegre, foi rapidamente galgando postos. Depois de tornar-se chefe do departamento de esportes da *Rádio Gaúcha*, editor de Interior da *Companhia Jornalística Caldas Júnior*, diretor de Jornalismo da *TV Gaúcha*, Antônio Britto transferiu-se para Brasília e lá assumiu a editoria política da *TV Globo* e, aos 32 anos, a diretoria de jornalismo da emissora. Aí se tornou nacionalmente conhecido: o então presidente eleito Tancredo Neves convidou-o para o cargo de porta-voz do Palácio do Planalto, que exerceu por apenas 37 dias, transmitindo os boletins médicos da agonia de Tancredo. Recusando o convite do presidente Sarney para permanecer no cargo, Britto retornou ao Sul e às atividades jornalísticas. Hoje tem, na Rede Brasil-Sul de Comunicação, uma coluna semanal no *Zero Hora* e comentários diários na *Rádio Gaúcha* e na *TV Gaúcha*. No Interior, o ex-porta-voz da Presidência em cerca de 30 jornais e 30 emissoras de rádio. Para a Constituinte, Britto leva idéias de uma implantação de mecanismos de fiscalização e controle do Executivo pela sociedade, fortalecimento do Poder Judiciário e avanço da democracia no País para os campos econômico e social.



22/11/86
Wilma Maia

A vocação de Wilma Maia

Casada com o ex-governador Laivoisier Maia, Wilma Maria de Faria Maia (42 anos) entrou na política como primeira-dama e consolidou o gosto e a vocação pela atividade como secretária do Trabalho e Bem-Estar Social no governo de Agripino Maia. Derrotada no ano passado na disputa pela Prefeitura de Natal, mesmo assim Wilma (PDS) parece ter conquistado um eleitorado que parece bastante fiel. A prova disso é o seu crescimento na disputa por uma cadeira na Câmara Federal, tornando-a suficientemente forte para tomar o lugar de Henrique Alves (PMDB), por três vezes o deputado mais votado do Rio Grande do Norte. Além disso, ela é o único candidato com possibilidades de ultrapassar a marca dos cem mil votos — ajudando a coligação PDS-PFL a eleger mais três deputados.

Sua bandeira política é "ajudar os pobres", no melhor estilo da política nordestina tradicional, fazendo assistência social. Com essa posição, ela atende principalmente a seus eleitores, em grande parte integrantes das camadas mais pobres do Estado. Wilma Maia diz ser favorável à reforma agrária, ao tratamento diferenciado do governo federal para o Nordeste e de outras teses adotadas por todos os candidatos de sua coligação. Desta vez, a maioria dos eleitores de Wilma parece ter sido homens. Ela confessa não ser feminista, e no ano passado, na disputa pela Prefeitura de Natal, as mulheres votaram no concorrente Garibaldi Alves.



7/03/86
Lula da Silva

Lula da Silva quer reforma

Aquele "brasileiro igualzinho a você" das eleições de 82, pernambucano de Garanhuns que tanto assustou o eleitorado, é agora um político mais temperado. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do PT e futuro deputado constituinte dos mais votados em São Paulo, defende diretas-já para a Presidência da República, mas aceita a reeleição de Sarney. Espera encontrar uma Constituinte conservadora, porém confia na formação, natural, de um bloco progressista. O Lula atual quer que a nova Constituição passe por um referendo popular. Ele está, contudo, aberto a sugestões e admite até mesmo endossar a proposta do presidente peemedebista e da Câmara — e provável presidente da Constituinte —, Ulysses Guimarães: submeter apenas alguns pontos mais polêmicos à aprovação do povo.

Lula assegura que na Constituinte sua cabeça será a do partido, que ele diz chegará lá unido. Mas o presidente petista defende suas próprias opiniões sobre assuntos que deverão esquentar o plenário: "contrário à remessa de lucros — "capital não tem pátria" — e favorável à nacionalização dos bancos; considera o parlamentarismo uma forma mais democrática de governo e acha que os militares devem cuidar apenas das fronteiras do País. Filho de lavradores, Lula lutará por uma reforma agrária "de fato" — a distribuição de terras férteis, com subsídios, assistência técnica, garantia de preço no mercado e o fim do "atravessador".